

A CABOVERDIANIDADE E O UNIVERSALISMO
DE UM POETA

Quero em primeiro lugar saudar-vos pela brilhante iniciativa cuja repercussão, sem dúvida se fará sentir em muitas partes do mundo, já que a cultura como realidade englobante, é sempre uma arma de combate, em prol dos povos e da humanidade pois que nada em si é isolado.

O convite para participar neste Simpósio, foi para mim uma honra e também um prazer, pela oportunidade de estar convosco e com a minha terra, por cuja identidade sempre pugnei, quer através dos meus escritos, durante os longos anos de estadia em Angola, quer agora em Portugal.

Sobre o tema da minha comunicação, baseia-se numa notícia insólita, divulgada nos meios intelectuais portugueses, e que me fez insurgir em carta aberta ao Jornal de Artes e Letras, em defesa de valores que pertencendo ao Património Cultural de Cabo Verde, eram-lhe negados, pela incúria ou pela ignorância de responsáveis pela informação de massas.

Em face da minha contestação aquele prestigioso órgão de comunicação acabou por publicar e num quadro muito em destaque, um desmentido sob o título: "A língua portuguesa e a Legião de Honra" seguido de um parêntesis elucidativo:

- "Da poetisa caboverdeana Yolanda Morazzo recebemos o seguinte texto comentando o que escrevemos sobre a entrega da Legião de Honra a Jorge Amado:

"Ao ler o vosso Jornal de Letras de 11 a 17 de Setembro, deparou-se-me na última página, a seguinte notícia com que muito me

congratulei: Jorge Amado recebeu a mais alta condecoração da França, a Legião de Honra (grau de comendador) que lhe foi entregue pelo Presidente da República François Mitterrand. E mais adiante ainda continua: É a primeira vez que tão alta distinção é atribuída a um escritor de língua portuguesa, etc, etc.

Sobre a importância de se chamar Jorge Amado, ninguém tem dúvidas. E as honrarias que lhe foram prestadas e todos os galardões que lhe pudessem ser conferidos nunca seriam demasiados. Falam por si os Subterrâneos da Liberdade, a Seara Vermelha, as Terras do Sem Fim, os Capitães da Areia e tantas outras obras que nos iluminaram e nos ajudaram a formar o espírito nos anos da nossa juventude. Obras inesquecíveis as deste escritor-poeta, lidas à socapa e passadas de mão-em-mão como um delicioso fruto proibido e que por isso mesmo se tornava ainda muito mais gostoso.

Só que em face de toda esta glória que também nos toca, surge agora um ponto de interrogação, um mar de perplexidade, um mas que se me impõe e que não posso deixar de contestar por maior que seja a minha admiração por esta figura, a meu ver, ímpar das Letras Brasileiras.

"La Vérité. Seulement la Vérité. Rien que la Vérité."
Será Jorge Amado de facto, o primeiro escritor de língua portuguesa a receber a Legião de Honra? Ou não será?! Eu, por mim, penso que não. Considero falsa a notícia ainda que precipitada e a despeito das boas intenções.

Como leitora assídua do vosso jornal, permito-me ir mais longe e pedir-vos o favor de um esclarecimento.

Com a sinceridade que me é peculiar e parafraseando Gilberto Freire eu diria como ele, certa vez em Coimbra, na sala dos Capelos "— Que é dos homens de estudo de Portugal, onde estão eles que não vão estudar de modo mais intenso os trópicos lusitanos? Pois o Ultramar precisa deles, tanto quanto de homens de acção?". E acrescentaria ainda como Maria de Jesus Gomes em seu prefácio de "José Lopes. Poesias escolhidas." Composto e impresso na Imprensa Nacional - Praia - Cabo Verde - 1972, obra citada por Gerald Moser / Manuel Ferreira na pág. 150 da sua Bibliografia das Literatures Afri

canas de Expressão Portuguesa: Homens como José Lopes merecem ser estudados estão à espera de ser estudados.

Como disse um dia o incomparável Píndaro: "Efémeros! que somos nós? Que não somos? Sombra de um sonho é o homem".

"Na fugacidade do tempo, Alguém viveu e passou. Porque era homem, era efémero, porque era homem, era sombra de um sonho". Mais de cem anos volveram já sobre o seu nascimento. Chamou-se José Lopes (José Lopes da Silva), nasceu na ilha de S. Nicolau, do Arquipélago de Cabo Verde em 1872 e faleceu em 1962 com quase 91 anos. Foi autor (entre muitas outras obras) das Hesperitanas, do Jardim das Hespérides e da Alma Arsinária, com prefácio de grandes homens de letras do seu tempo, como Martinho Nobre de Melo, Augusto d'Esaguy e Henrique de Vilhena. Os críticos apelidaram-no de "Poeta do Atlântico". Reza a história dele, a grande Enciclopédia Luso-Brasileira, ainda que com dados muitos insuficientes por ter sido elaborada entre os anos 40 e 50, anteriormente pois a vários acontecimentos futuros até 1962, data da sua morte. Obteve galardões e honras altamente dignificantes a que não poderia fazer referência nestas escassas linhas. Alcançou as mais altas condecorações portuguesas (Ordem de Avis, Ordem de Cristo, Ordem de Santiago, Ordem do Infante D. Henrique) por mérito literário. Pertenceu a várias Academias brasileiras. O seu poema "Helvetia" foi declarado Património Nacional do Governo Suíço. Foi pupilo do Império Japonês e a sua fotografia foi publicada num importante jornal de Tóquio com um poema traduzido em língua nipónica.

A França abriu-lhe as portas da Academia por proposta do Marechal Foch, acrescentando-lhe assim o título de "Officier d'Académie" aos louros que já possuía. Durante a guerra e no momento em que a agressão nazi ameaçava o mundo livre, publicou o seu corajoso soneto "La France" que caiu fundo no coração dos Resistentes. Este poema veio a fazer parte dos programas da B.B.C. em Londres onde foi declamado ao som da Marselhesa, sendo o poeta apelidado de "Le poète de la Resistance". De Gaulle volta a França e o poeta não é esquecido. Em sua ilha e por se ter recusado a partir para Paris, é o consul francês que se desloca a sua casa e em nome do então Presidente da República Charles De Gaulle e do povo francês,

é condecorado em cerimónia oficial, com a mais alta condecoração francesa: a Legião de Honra (grau de Chevalier).

Em que ficamos? Será Jorge Amado o primeiro escritor de língua portuguesa a merecer tão alto galardão referido no vosso jornal ou o poeta José Lopes, nascido nas ilhas de Cabo Verde? Penso que o assunto merece ser esclarecido, etc, etc...etc.

Trouxe a lume este assunto precisamente para chamar a vossa atenção pelo facto de nem sempre ter sido compreendido mesmo aqui na sua terra natal, a universalidade do espírito de José Lopes que através do estudo permanente percorre quase todas as áreas das chamadas Ciências Humanas, com trabalhos interessantes sobre Sociologia, História e Antropologia das Ilhas de Cabo Verde, Filologia e Música de que tinha amplos conhecimentos e era um exímio cultor.

caboverdiano acima de tudo mas também um cidadão do mundo ao dizer que "é pátria a terra inteira", é um carácter essencial da sua poesia o atlantismo e o universalismo.

O Atlântico está nele não sómente nos temas ideológicos, nos ideais poéticos, no conhecimento e cultura eruditos e sábios mas também na expressão trilingue (a lusitana, a francesa e a inglesa).

Sonha na sua nostalgia atlântica, com mundos ignotos, terra longe, gente, outras gentes, tudo o que se desejaria sentir e tocar e só pode ver com os olhos da alma.

Qual Shiller em seu Guilherme Tell, passeia pelos campos da Suíça que nunca conheceu, contempla o misterioso e fecundante Nilo, empunha a espada de Sesóstris, cai em êxtase ante os altivos minaretes de Teheran. Enfim, esta tendência de certo modo evasionista que caracteriza e marca profundamente uma parte da sua obra e que foi mal compreendida por certos literatos do movimento "Claridoso" e pela quase totalidade dos do "Certeza" pouco difere quanto a mim, das tendências também evasionistas, destes dois grupos literários, a não ser na forma e na distância que separa duas ou

três gerações, sempre seguidas pelo seu cortejo de incompreensão, irreverência e processos de luta, ainda que edificantes e progressistas. poderia até acrescentar, que diferentes sim, em sua poesia, no que diz respeito ao conteúdo e às condições, mas nunca na essência íntima da sua natureza, pois que o espírito mantém-se inalterável. Qual a diferença intrínseca no sentimento de alguns dos seus poemas e o grande sonho de Pasárgada de Baltasar Lopes: "Na hora em que tudo morre, esta saudade fina de Pasárgada.", ou no poema "Ilha" em que Jorge Barbosa evoca "aquela passageira de boca pintada que seguia para o Congo Belga..." e da evocação da mulher estrangeira, ficou um sonho parado em cada um...", ou ainda Manuel Lopes em "Vozes" quando interroga e se lamenta: "que grito longo e profundo é este que oiço vir na noite escura/-como a voz de uma mãe que procura, procura.../Foi-se o navio e não me quiz levar"... e mais adiante: "no porto perdido deixei esquecido um lenço a acenar", ou até Ovídio Martins ao afirmar "eu nasci na ponta de praia por isso trago dentro de mim todos os mares do mundo". Enfim nesta mesma esteira eu poderia ainda citar Nuno Miranda, Arnaldo França e outros. Compare-se a ideia poética dos versos citados com os seguintes de José Lopes:

...Em frente, mar e céu em tintas belas
Remam gentis Amores, soltam velas
E o leme ajeitam... Zarpa o bergantim...

Vai em breve sumir-se no horizonte
E o poeta ficará, curvada a fronte,
Das suas iluzões chorando o fim.

Como acabamos de constatar, a mesma nostalgia atlântica, perpassa em todos eles.

Mas o tema evasionista nem sempre é uma constante em sua poética. Deriva também para outras vias do sentimentalismo e sobre tudo regressa sempre às suas queridas Ilhas Hesperitanas, restos como diz da antiga Atlântida lendária.

Toma contacto com os problemas da sua terra e uma ressonância dolorosa atinge por vezes a sua consciência e transparece sob a forma duma dor moral

Contemplai as criancinhas
Que vagam a mendigar,
Infelizes, pobrezinhas,
Tão tristes, sem lar nem pão,

Vêde-as que vão pelas ruas
Onde a onde sem parar,
Miseráveis, meio nuas.
A dor escrita no olhar.

É pois também num contexto genuinamente ilhéu, como poeta, como escritor, como professor de sucessivas gerações que deve ser analisado.

A sua poesia mantém-se em diapásão com o meio caboverdiano, pela cor local de muitos dos seus temas, pelo acentuado ritmo de morridão que nela perpassa, em fusão absoluta com o ar cálido das ilhas e pelo mar que é nele o símbolo duma alma gigante quando diz

Eu fui pedir ao Mar
Gigante inexorável
Porque ai aquela voz que enchia a solidão
Era franca sincera...
O Mar, o Mar não mente!...

O poeta também não! E é assim na expressão de uma dor universal que se eleva em seu "Tributo Filial", para soltar o último grito. Grito de dor, de saudade, e de esperança em sua terra natal:

Ilhas de Cabo Verde no meu canto
Eu quisera elevar-vos tanto tanto
Que transmitisse pudesse no meu canto
Vossos nomes a todo o universo

Recebe o coração do teu poeta
Possa na morte em lágrima discreta
Levar na alma a visão do ter porvir

Esse porvir já o poeta o vislumbrara em 1899, isto é, 76 anos antes da independência nacional, quando com 27 anos apenas, estando na Ilha da Boa Vista, e revoltado contra as iniquidades e a injustiça de certos preceitos jurídicos de que o caboverdiano era vítima, frente às disposições das leis coloniais, empunha a sua pena e num artigo contundente, publicado no número 14 da Revista Cabo Verde referente ao mês de Setembro do referido ano, pela primeira vez na História de Cabo Verde, pronuncia corajosamente a palavra "Independência".

É quando diz: "Tenho anseios de que algum dia, embora no derradeiro momento da vida, pudesse ter o prazer de ver estas pobres ilhas independentes... Anseios de ver transformada em Templo de Felicidade esta pobre terra, mercado de gananciosas ambições."

Penso que esta mensagem deve ser transmitida à juventude de hoje para seu conhecimento e para a liberdade de opção e de análise das gerações que se nos vão seguir, para se manter bem viva a ideia de um saber, como uma realidade atravessada por polémicas, mas em permanente movimento e portanto nunca acabado e completo. A nossa "aventura intelectual" irá pois prosseguir.

Yolanda Morazzo